

COLEÇÃO MUSEU DO IPIRANGA 2022

PARA ENTENDER O MUSEU

MUSEU
DO IPIRANGA
— USP

edusp

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor

Maria Arminda do Nascimento Arruda
Vice-reitora

MUSEU PAULISTA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Rosaria Ono
Diretora

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor

FUNDAÇÃO DE APOIO À
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Marcilio Alves
Diretor

Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Diretora-adjunta

EDITORIA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO

Sergio Miceli Pessôa de Barros
Diretor-presidente

COMISSÃO EDITORIAL

Rubens Ricupero
Presidente

Maria Angela Faggin Pereira Leite
Vice-presidente

Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Merari de Fátima Ramires Ferrari
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Membros

Marta Maria Geraledes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão
Suplentes

Carla Fernanda Fontana
Editora-assistente

Cristiane Silvestrin
Chefe Div. Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Para entender o Museu / [coordenação Solange Ferraz de Lima].
— 1. ed., 1. reimpr. – São Paulo, SP: Edusp: Museu Paulista da USP, 2022. — (Coleção Museu do Ipiranga 2022; 1)
Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-993063-7-2 (Museu Paulista)
ISBN 978-65-5785-082-4 (Edusp)
1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Museologia 3. Museu Paulista (São Paulo, SP) - História 4. Museus - História I. Lima, Solange Ferraz de. II. Série.

22-114044 CDD-730.920981

Índice para catálogo sistemático:
1. Artes: Brasil: Exposições: Catálogos 730.920981
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

SUMÁRIO

01	Para entender o Museu	14
	SOLANGE FERRAZ DE LIMA E RODRIGO SILVA	

03	Pássaros, macacos e besouros: os primeiros anos do Museu Paulista	78
	DIEGO AMORIM GROLA	
	A história das Coleções do Museu Paulista: Taunay e as coleções de documentos para a história do Brasil	88
	ANA CLAUDIA FONSECA BREFE	
	Colecionando “tantas belezas”	96
	MARIANA DE CAMPOS FRANÇOZO	
	Da coleção Sertório ao Sítio da Pedra Furada: a arqueologia no Museu Paulista	104
	RODRIGO SILVA	
	Museu Paulista: acervo e representatividade	112
	LEONARDO DA SILVA VIEIRA	

Apresentação	05
ROSARIA ONO E AMÂNCIO JORGE SILVA NUNES DE OLIVEIRA	
Um museu universitário de história	07
VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO	

02	A construção do edifício-monumento: materiais e técnicas construtivas	36
	ADRIANE DE FREITAS ACOSTA BALDIN	
	Os jardins do Museu do Ipiranga	50
	PAULO CÉSAR GARCEZ MARINS	
	Para que servem as maquetes?	62
	SOLANGE FERRAZ DE LIMA, EDUARDO ROCHA FERRONI E PABLO EMILIO ROBERT HEREÑÚ	
	A recepção da obra do edifício-monumento do Ipiranga – 1880-1890	66
	SOLANGE FERRAZ DE LIMA	

04	Exercício de leitura de um objeto material	120
	ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES	
	Corpo moldado: a propósito do espartilho	124
	PRISCILA NINA	
	O “Serviço das corças”: Consumo e cultura material à mesa no contexto da transferência da Corte Portuguesa para o Brasil	130
	RODRIGO SILVA	
	Sobre os autores	136
	Ficha técnica	139
	Parceiros do Museu	140



APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos o conjunto de publicações elaboradas pela equipe do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, por ocasião da reabertura do Museu do Ipiranga e da inauguração das novas exposições, no ano das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.

O Museu do Ipiranga é um equipamento cultural que faz parte do Museu Paulista, juntamente com o Museu Republicano Convenção de Itu, e que pertence à Universidade de São Paulo desde 1963. O Museu Paulista é o mais antigo museu do estado de São Paulo, inaugurado em 1895 no atual edifício do Museu do Ipiranga, como museu de história natural e que, ao longo do século 20, teve um crescimento acentuado de seu acervo com novas aquisições, acompanhando o ritmo das pesquisas das ciências naturais, etnologia e história do Brasil, principalmente na primeira metade do século. Aos poucos, essas coleções especializadas do Museu Paulista deram origem a outras instituições. A Pinacoteca do Estado nasceu do desmembramento das obras de arte do acervo do Museu Paulista em 1905. Em 1927, o seu acervo botânico foi transferido para o recém-criado Instituto Biológico; em 1939, o seu acervo zoológico foi transferido para o Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura e deu origem

ao Museu de Zoologia em 1941 e, finalmente, em 1989, o seu acervo de arqueologia e etnologia colaborou para a formação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Como consequência, na década de 1990, o Museu Paulista redefiniu sua vocação, que passou a ser a história da cultura material, com foco na sociedade brasileira.

Como museu universitário, o Museu Paulista estabeleceu sua missão, já no século 21: promover a educação em todos os níveis e desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira.

Dessa forma, as publicações que aqui são apresentadas têm como objetivo cumprir a missão do Museu Paulista, de divulgação do conhecimento produzido para um público amplo, contemplado por meio de livros relativos às exposições de longa duração, que aprofundam as temáticas nelas trabalhadas; materiais dedicados ao público infanto-juvenil; livretos para educadores relativos ao conteúdo das exposições de longa duração e o catálogo da exposição temporária *Memórias da Independência*.

Reforçamos aqui, em especial, a importância institucional dada à área de educação pelo Museu Paulista que, historicamente, mantém uma grande proximidade com o público escolar – professores e estudantes. Assim, ressalta-se a dedicação dada à produção do material didático de apoio para professores da rede de ensino básico (fundamental e médio), sobre os assuntos tratados nas exposições de longa duração.

O desejo do Museu Paulista é que estas publicações alcancem os seus públicos e cumpram efetivamente a missão desta instituição, divulgando o conhecimento histórico produzido em várias das pesquisas desenvolvidas com o seu acervo desde a década de 1990, e que novas publicações possam ser promovidas num futuro próximo, aproveitando, principalmente, a ocasião das renovações das exposições, para o amplo acesso às coleções e às pesquisas geradas por esta instituição à sociedade.

Rosaria Ono
Diretora do Museu Paulista-USP

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor do Museu Paulista-USP



UM MUSEU UNIVERSITÁRIO DE HISTÓRIA

Em 1989, o Museu Paulista passou por mudanças que afetaram e ainda afetarão, por muito tempo, sua trajetória. O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, nomeado diretor, tinha o objetivo de transformar a instituição definitivamente em um museu de história. Para isso, o Museu enfrentou o último de vários desmembramentos ocorridos ao longo de sua existência: as coleções de arqueologia e etnologia foram transferidas para o Museu de Arqueologia e Etnologia da mesma Universidade. Consolidaram-se, assim, as especialidades de cada um desses museus, ainda que tais divisões de objetos e conhecimentos, sobretudo a segregação dos estudos de comunidades indígenas dos estudos históricos em geral, sejam hoje questionáveis.

Mas não se tratava apenas de instituir uma racionalidade organizacional das áreas do conhecimento, evitando-se sobreposições. Concluir o processo que fez o Museu deixar de ser uma instituição enciclopédica, perfil típico dos museus de história natural do século 19, para torná-lo um museu de história moderna e contemporânea significava levar a cabo mudanças também no modo como a própria disciplina histórica e as atividades cotidianas do Museu tinham sido vivenciadas até então.

Desde o pós-guerra, as ciências humanas já vinham reconstruindo seus objetos de estudo e, como consequência, empreendendo também revisões metodológicas e documentais. Na História, o interesse pelos fenômenos de longa duração deslocaram para segundo plano as narrativas baseadas em personalidades ou em acontecimentos políticos e econômicos para dar lugar a processos sociais mais amplos. O tratamento alargado do tempo histórico tornou imprescindível considerar a cultura como substrato de qualquer estudo da vida

social. Os interesses dos historiadores voltaram-se para os imaginários, os comportamentos, as percepções, os gostos e o cotidiano de populações antes ignoradas ou tratadas como simples coadjuvantes nas tradicionais análises históricas. Também o modo de olhar o documento mudou. Os documentos legais e ritualísticos do Estado davam lugar aos dados coletados em séries documentais que atravessavam os séculos e eram capazes de informar sobre experiências sociais que ultrapassavam pessoas e mesmo gerações.



Figura 1. Trabalho de higienização em tela na Reserva Técnica de pinturas do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.



Figura 2. Reserva Técnica de pinturas do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.

As novas abordagens não poderiam deixar de afetar os museus. No que tocava aos museus de história, a condição de lugar de memória havia sedimentado comportamentos celebrativos e discursos identitários ancorados na ideia de nação. No caso do Museu Paulista, que aqui nos interessa, oferecia-se aos visitantes um verdadeiro panteão de heróis encabeçados por figu-

ras paulistas que organizaram plástica e semanticamente discursos de dominação de povos, de riquezas naturais e territoriais hoje reconhecidamente tidos como narrativas eurocêntricas, androcêntricas, etnocêntricas e elitistas.

Na reviravolta empreendida em 1989, Menezes instituiu uma área de atuação no campo

da história que respeitava o perfil das coleções já existentes, mas estimulava o seu crescimento de modo diferente. Justamente por possuir um acervo de "coisas materiais", o Museu era um lugar privilegiado para o desenvolvimento de estudos de cultura material, dedicados à compreensão dos modos de apropriação que grupos sociais fizeram de segmentos do universo natural.

PARA ENTENDER O MUSEU

SOLANGE FERRAZ DE LIMA E RODRIGO SILVA

Museus são das instituições mais complexas que nossas culturas criaram. Surgidos há centenas de anos, ao menos da forma que os conhecemos hoje, desde então aumentaram ainda mais essa complexidade, ampliando suas operações, funções, responsabilidades e interações com a sociedade.

Essa complexidade também aumentou na medida em que museus deixaram, pouco a pouco, de serem exposições de coleções temáticas para ganhar uma dimensão crítica e reflexiva a respeito dos temas que abordam: artes, ciências naturais, tecnologias e, claro, história.

A história do surgimento dessas instituições, os museus, seus desdobramentos, a criação e consolidação dos seus métodos e práticas, funções, desafios, propostas, raramente estão claros quando um visitante põe seus pés na entrada e inicia sua visita. Da mesma forma como a audiência de uma peça de teatro raramente sabe como os figurinos e cenários foram construídos, quais discussões e métodos foram empregados para tal.

Diante disso há uma outra diferenciação: em geral, os museus estão focados em seu resultado final – a experiência do visitante diante de suas exposições, a qualidade da mediação de seus serviços educativos, as reflexões

e sensações que a ida ao museu proporcionará à audiência. Contudo, dentro do gigantesco universo dos museus, existe uma categoria denominada Museus Universitários, os quais somam às atividades regulares dos museus (coletar, catalogar, conservar, comunicar) as rotinas típicas das universidades. Em outras palavras: embora todos os museus necessitem de pesquisas para elaborar suas exposições, em um museu universitário não apenas as investigações são imperativas como o próprio “fazer-se” do museu é um tema de constante reflexão e pesquisa. E é justamente por isso que, na reformulação do programa expositivo para o Museu do Ipiranga, a equipe curatorial decidiu dedicar um eixo de exposições a esse tema.

Quais as motivações para a criação de um Museu público em São Paulo, no final do século 19? E por qual razão ele foi transferido para um edifício projetado para ser um monumento à Independência do Brasil? Como o Museu se transformou ao longo de sua história? O que faz um museu de história e como se constroem interpretações da história a partir do estudo dos objetos? Essas são as questões centrais da exposição Para entender o museu.

Então, sempre é bom começarmos pelo começo.

UM POUCO SOBRE AS ORIGENS DOS MUSEUS MODERNOS

No artigo “Curadoria em museus de história” (publicado nos Anais do Museu Paulista, 2021), Vânia C. de Carvalho, Paulo César Garcez Marins e Solange Ferraz de Lima apresentam um quadro explicativo que permite entender o surgimento do Museu Paulista e suas práticas curatoriais ao longo do século 20. Na primeira metade do século 20, os diretores do Museu Paulista adotaram práticas de formação e exibição de coleções muito semelhantes às aquelas que caracterizaram os museus de história e de história natural na Europa, a partir de fins do século 18. Assim, o Museu Paulista possibilita identificar em seu processo de constituição as marcas dos tradicionais museus de história europeus e, também, dos museus de história natural, arqueologia e etnografia. Referência importante para entendermos as funções que os museus modernos assumiram no campo da preservação e da educação é o Musée des Monuments Français. Ele foi criado após a Revolução Francesa. Os bens da Igreja e todos aqueles objetos de arte associados ao Antigo Regime estavam sendo destruídos pelos revolucionários. Foram criados depósitos espalhados pela França para onde eram

LANÇAMENTO 2022

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

